ANO 32.º — Sábado, 27 de Janeiro de 1940 — N.º 1613

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: **IMPRENSA UNIVERSAL**
Rua Combatentes da G. Guerra — Telef. 125 — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto — Agência Havas

OS CENTENÁRIOS

=o=

Salazar — expressão alta e muito superior de equilíbrio político, de nacionalismo com azas, de nacionalismo mais perto do ceu que da terra, planeou para o ano de 1940 as grandes solenidades das comemorações centenárias.

A guerra não alterou o programa estabelecido, que pode ficar prejudicado no seu brilhantismo, na concorrência de visitantes e na prometida colaboração internacional, mas de forma alguma afrouxará no seu significado profundamente patriótico, cívico e nacional.

O Estado Novo reveste-se, assim, de idealismo, anima-se de côr tradicional, cumpre o seu dever de presente para com o glorioso passado da nação.

A Fundação e a Restauração de Portugal são duas datas inesquecíveis. Por uma começou a nossa história e a nossa missão civilizadora. Pela outra retomou o seu curso livre e permanece como nação independente, no quadro do mundo moderno.

* * *

Vivemos, é certo, numa hora de enfraquecimento de mística política. A luta pela vida absorve os cuidados de tôda a gente. Os sacrifícios são grandes. As dificuldades absorventes.

Uma das condições da existência da mística política é haver esperança. A esperança de viver melhor, de viver com alegria, de viver com confôrto, de viver sem o aguilhão de prementes necessidades.

A esperança sempre foi e é o indispensável veículo de mística política. Mas, a-pesar-da vida áspera e dura que muita gente leva e suporta, entre os portugueses o patriotismo está em permanente exaltação.

A vida, certamente, é dura, não adianta nada ocultá-lo, mas a tranqüilidade, a ordem, o sossêgo, a paz, que a nação vive é de invejar e é de querer que ela se mantenha, indefinidamente, sem perturbações.

* * *

Exaltando o nosso passado heróico; evocando as lídimas figuras da nossa história, guerreiros, navegadores e santos, homens da espada, homens da fé, homens da cultura; relembrando a sua vida estoica, a fôrça do seu carácter, o seu dever, o seu exemplo e o seu indefectível lusitanismo, mais alto se erguem o prestígio e o ressurgimento da nação.

Em boa hora Salazar lançou o apêlo espiritual de enaltecer Portugal na sua história!

Em feliz momento o Estado Novo busca na imortalidade dos grandes feitos da raça, uma das razões fortes e decisivas da sua existência e do seu surto renovador!

J. Carreira

Dr. Jaime Duarte Silva

Têm-se acentuado as melhoras do nosso ilustre conterrâneo pelo que rejubilam os seus numerosos amigos a quem a doença do distinto causídico trazia bastante preocupados.

A sua casa da Rua do Sol ainda é constantemente assediada com pedidos de informes sôbre o estado do enfermo, constando-nos que os médicos assistentes se acham esperançados num breve restabelecimento.

Oxalá. Para maior satisfação de quantos esperam testemunhar ao prestimoso aveirense a consideração em que é tido.

Efemérides

27 de Janeiro

1906 — Os estudantes e o povo de Coimbra recebem entusiasticamente alguns caudilhos republicanos, convidados a assistirem à inauguração do Centro Académico.

1912 — O *Diário do Govêrno* insere a nomeação do dr. Bernardino Machado para ministro plenipotenciário na República do Brasil.

FERIADO

—o—

Por passar na próxima quarta-feira o aniversário da revolta de 31 de Janeiro, estarão fechadas nesse dia as repartições públicas, havendo nos quartéis da guarnição a continência à bandeira nacional, como de costume.

De manhã e à noite.

Além túmulo

Alfredo de Brito

Fez ontem três anos que a morte o prostrou para sempre e todavia ainda perdura no nosso espírito a sua passagem por esta Redacção, dando ao *Democrata* algo da sua inteligência e das suas convições republicanas.

Recordamo-lo com saüdade.

Arcebispo-bispo de Aveiro

Um telegrama da secretaria do Estado do Vaticano comunicou esta semana a nomeação pontifícia do sr. D. João Evangelista de Lima Vidal, actual administrador apostólico da nossa diocese, para arcebispo-bispo de Aveiro, pelo que o novo prelado tem recebido muitas felicitações.

A sua posse efectua-se àmanhã de tarde, na Catedral, seguida dum solene *Te-Deum*.

O Democrata também cumprimenta S. Ex.ª Reverendíssima.

Bombeiros Voluntários

Passa hoje o 58.º aniversário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários desta cidade, que àmanhã será festejado da seguinte maneira:

A's 8 horas, alvorada e formatura da Companhia ao içar da bandeira no frontespício do quartel.

A's 10 horas, missa na Sé Catedral, bênção do novo estandarte e baptismo da Auto-Ambulância oferecida pelo coronel-médico, nosso conterrâneo, dr. António Nascimento Leitão.

A's 15 horas, sessão solene no edifício associativo.

Na segunda-feira, jantar de confraternização às 19 horas.

As nossas saüdações aos valorosos Soldados do Fogo.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO

Os jornais brasileiros aumentaram de preço

Devido também à alta do preço do papel para a Imprensa, os jornais diários do Brasil, que ainda há pouco tempo tinham passado de 200 para 300 reis, subiram agora, de novo, mais 100 reis, isto além de reduzirem o número de páginas.

O Brasil era o país onde os quotidianos gastavam papel a rôdos, havendo alguns que se publicavam com vinte e mais páginas. Pois também lhe chegou a vez, propondo-se o Govêrno auxiliar o fabrico da celulose a ver se consegue, ao menos, atenuar o mal.

Que, ao que parece, é capaz de chegar a todos...

Êste número foi visado pela Censura

A nossa frota bacalhoeira

—=—

Duma nota oficiosa fornecida aos jornais pelo gabinete do sr. Ministro do Comércio e Indústria, em 18 do corrente:

A Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau apresentou, em tempo, ao Govêrno um plano de renovação e desenvolvimento da nossa frota bacalhoeira que, depois de aprovado pelo Ministério de Comércio e Indústria, foi tornado público por nota oficiosa de 8 de Janeiro do ano transacto,

. . . .

Deveria, pois, nesse lápso de tempo de quatro anos, atingir-se o objectivo traçado: pesca, pela frota nacional, de 60 ₀/₀ do bacalhau consumido no país.

. . . .

Nesta altura, porém, a eclosão da guerra na Europa veio alterar as condições de realização do plano traçado,

. . . .

Tem o Govêrno, apoiado na organização corporativa, feito o possível para que se não alterem, senão no estritamento inevitável, os preços dos produtos e o custo da vida, certo de que assim defende não só o consumidor como tôda a economia nacional, eliminando ou, pelo menos, deminuíndo a acção de factores especulativos que, capazes de criar uma aparente e transitória vaga de prosperidade industrial, não deixariam de produzir, logo que as condições externas se alterassem, a violenta explosão de uma crise com tôdas as suas imprevisíveis conseqüências. Sendo de prever as dificuldades que nos hão-de advir de factores externos, é prudente não lhes juntar mais algumas devidas aos nossos próprios êrros,

. . . .

No fundo, os problemas a resolver para prosseguir no programa de desenvolvimento da frota bacalhoeira condensam-se neste único: levar a cabo tal programa, fazendo com que o inevitável aumento de custo dos navios atinja o menos possível os preços do produto.

Só um sistema se afigurou capaz de o resolver de momento: cobrir excepcionalmente, por meio de um prémio especial, o excesso de custo dos navios proveniente do estado de guerra. Assim, as novas unidades entrarão em exploração em condições de custo normais, quere dizer: em condições de assegurar uma exploração remuneradora sem arrastar o nível geral de preços a uma alta inconveniente.

. . . .

Entretanto, já na nova campanha a frota irá aumentada de mais um arrastão que há tempos estava preparando a Emprêsa de Pesca de Aveiro, e de mais alguns lugres-motores, de sorte que não se quebrará a tradição, já estabelecida, de levar cada ano aos bancos da Terra Nova e da Groelândia uma tonelagem de pesca maior do que no anterior. Espera-se ainda que os novos arrastões, cuja construção se vai iniciar, possam entrar em serviço antes do fim do ano de 1940.

O inverno

—o—

Está fazendo a sua obrigação, pelo que não é justo insurgirmo-nos contra o frio, contra a chuva e contra o vento dêste Janeiro áspero e dos mais crueis dos últimos anos.

E' que tem caído neve, fenómeno raro em várias regiões, dado o aspecto surpreendente dos seus efeitos, realmente dignos de admiração.

Para compensar...

Calendários-brindes

—x—

Da Califórnia enviou-nos três lindíssimos calendários de parede, iguais aos que costuma distribuir pela numerosa clientela do seu importante estabelecimento de Oakland, o nosso amigo e assinante, sr. António Cruz, ali, de S. Bernardo, e que na América do Norte conquistou situação de destaque entre a colónia portuguesa.

Agradecemos ao sr. António Cruz o seu mimo. Porque dum verdadeiro mimo se trata, pois são de invulgar perfeição, denotando o bom gosto de quem os escolheu para reclamo da casa que com êles deve conduzir e à qual, por isso, desejamos as máximas prosperidades.

Correios e Telégrafos

—o—

Inaugura-se hoje em Merceana o novo edifício que a Administração Geral ali mandou construir e que se apresenta com aspecto pouco próprio, como outros, do fim a que se destina.

Ou é da nossa vista...

A caça

——

Entrámos na época do defêso pelo que podem andar mais descançadas as lebres, as perdizes, os coelhos e todas as espécies indígenas que, por lei, obtiveram, no dia 15, êsse previlégio.

A menos que apareça algum *desgarrado*, mau cumpridor dos seus deveres...

Livros, Opúsculos e Revistas

Pelo Dr. ALBERTO SOUTO

Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro, E Memorial da Infanta Santa Joana, Filha Del Rei Don Afonso V. (Códice Quinhentista) *Leitura, Revisão e Prefácio de António Gomes da Rocha Madail, conservador do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra e Director do Museu Municipal de Ílhavo — Aveiro — Edição do Prof. Francisco Ferreira Neves — 1939.*

O famoso Codice do Museu de Aveiro, antigo volume 872 do cartório do Convento de Jesus, por cuja publicação eu me empenhava há perto de 15 anos, encontrou, finalmente, um editor.

O facto não poderia deixar de me causar verdadeiro júbilo, tanto mais que tôdas as diligências feitas junto das estações oficiais haviam resultado improfícuas.

O sr. professor dr. F. Ferreira Neves, num rasgo nobilitante, quebrou o encanto e resolveu a dificuldade, financiando a edição que teve no bem conhecido e erudito escritor sr. António da Rocha Madail, um grande obreiro, ao mesmo tempo inteligente, tenaz, criterioso e excepcionalmente competente.

Os melhores louvores seriam escassos, ainda, para prémio do alto serviço que os nossos dois ilustrados conterrâneos, dignos directores do *Arquivo do Distrito de Aveiro*, prestaram à bibliografia regional, à história da cidade e à cultura portuguesa com esta trabalhosa e dispendiosa publicação, que representa um grande sacrifício.

Daqui lhes endereço, como aveirense, como director do Museu de Aveiro e guarda das relíquias do antigo Convento de Jesus, e como português, os meus vivos agradecimentos. Mas nestes agradecimentos não vão apenas os meus pessoais; vão os que lhes devem todos os aveirenses e todos os portuguêses justos e cultos e não apenas quem quer que fôsse que dirigisse o Museu de Arte onde se guarda essa jóia das letras pátrias e da história local e nacional.

* * *

No magnífico aparelho crítico com que prefacia o volume, o sr. Rocha Madail, meu querido amigo, esqueceu-se de fazer referência às antigas diligências para a publicação do seu trabalho de leitura, revisão e interpretação do Códice 872, trabalho êsse que teve seu início num interessante acôrdo nosso. Nem tudo lembra.

A verdade é que houve diligências feitas por Sua Ex.ª e por mim junto da Imprensa da Universidade, primeiramente; depois por mim repetidas e reiteradas junto do mesmo estabelecimento e do seu director sr. Doutor Joaquim de Carvalho; mais tarde junto da Imprensa Nacional e do Ministério da Instrução, e não há muito, ainda, novamente, junto da Direcção Geral de Belas-Artes e do Ensino Superior, no ministério da Educação Nacional. A falta de verba e de disponibilidades dentro das verbas foram obstáculo insuperável.

Mas em 1927 já havia entre nós correspondência sôbre o assunto e já o sr. Rocha Madail trabalhava na lição e transcrição da *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus e Memorial da Infanta Santa Joana* e tanto assim que em 1928 eu anunciava, num artigo sôbre a nobre figura e virtuosa vida da filha de D. Afonso V, o seguinte:

«*O Códice 872 encontra-se presentemente na Biblioteca da Universidade de Coimbra, contra recibo, aonde o enviei por um próprio e com tôdas as cautelas e reservas.*

Está-o copiando, lendo e interpretando, o distinto bibliotecário nosso patrício sr. dr. António da Rocha Madail a-fim-de ser publicado pela Imprensa da Universidade.

A publicação dêste inédito, precioso documento de História Pátria e admirável monumento da Lingua Portuguêsa, cheio de locuções elegantíssimas e profundos e belos conceito que fariam inveja a qualquer doss nossos grandes cronistas, vêm enriquecer a nossa literatura... e permitir que essa obra se salve de alguma perda irreparável e que se vulgarise um monumento histórico digno da maior atenção e estudo sôbre a grande época em que se elabora a epopeia nacional.»

Uma outra pequena observação desejo fazer. Não foi apenas em 1936 e 1937 que extratei o códice num estudo provocado pelo restauro do retrato da Infanta.

No longo artigo inserto num semanário local, em 1928, fiz largas referências ao Códice 872, assegurando a sua importância como fonte histórica sòbre o século de quatrocentos.

Da leitura que dêle havia feito, tinha transcrito numerosos trechos e tomado notas valiosas que me permitiram, cotejando o Códice com outros testemunhos, destruir definitivamente o êrro dos que afirmavam que a Princesa-Infanta D. Joana, mais tarde Santa Joana, fugira covardemente de Aveiro quando a peste assolou a vila. Com o Códice na mão e o apoio de outras autorizadas fontes de informação histórica, demonstrei, de maneira perentória, que a Princesa-Infanta, que pertencia à família de Aviz onde nunca ninguém fugiu, só muito contrariada e constrangida abandonára o seu convento, para o que recebeu ordens terminantes a que não podia desobedecer.

De facto, a Infanta apenas obedeceu ao Rei, aos Prelados, à Nação, que, pela razão de Estado e interêsse nacional, impuzeram por forma categórica a sua saída da vila contagiada.

Estas observações são de nímio interêsse, mas é fácil de compreender quanto importam a quem as subscreve, não pela vaidade da sua pessoa

Serviço de administração

Achando-se concluida a cobrança de assinaturas que *O Democrata* usa fazer, em Janeiro, julgamo-nos na obrigação de agradecer a maneira como foram acolhidos os recibos e bem assim a forma rápida como os correios procederam a essa cobrança.

Da mesma sorte consignamos o nosso reconhecimento aos assinantes de Oakland (Califórnia) que, por intermédio do nosso compatriota e amigo, sr. José Simões Pachão, renovaram, por mais um ano, as suas assinaturas, entregando-lhe a respectiva importância.

Se assim procedessem todos... E' que temos ainda na América, na Africa e no Brasil assinantes que julgam não ser preciso dinheiro para fazer circular um jornal! Hão-de compreender que não está certo e que é um êrro assim pensar. Todo aquele que aceita um periódico, não o devolvendo, fica, para todos os efeitos, na obrigação de o pagar. Em tal conformidade aproveitamos o ensejo para solicitar dos que se acham em dívida e a quem vamos enviar contas o favor de as liquidarem imediatamente de modo a não criarem mais embaraços à administração.

* * *

No continente temos também meia dúzia de assinantes em atrazo de pagamento cujos recibos chegaram mais um vez devolvidos com a nota de—*recusado*.

No próximo mês voltarão à cobrança e se suceder o mesmo aqui mencionaremos os seus nomes visto não acharmos correcto o seu procedimento.

CARTA DE LISBOA

25 de Janeiro de 1940

Aniversário ministerial

Ocorreu há dias a passagem do 4.º aniversário da entrada para o Govêrno dos srs. ministros do Interior, Marinha, Colónias, Educação Nacional e Sub-Secretário das Corporações. De todo o país foram prestadas aos ilustres homens públicos as mais significativas homenagens, que, se por um lado foram a afirmação do aprêço em que é justamente tida a obra daqueles membros do Govêrno à grande e valiosíssima colaboração que têm dispensado a Salazar e à sua notável obra de renovação, por outro foi, também, a consagração da admirável política de estabilidade governativa, mantida e realizada pelo Estado Novo.

Graças a essa estabilidade tem sido possível realizar em Portugal tôda a grande e notabilíssima obra de fomento que constitui o nosso melhor e mais justo orgulho. Sem ela ter-nos-íamos perdido nessa confusão anárquica do outro tempo apenas preocupados com o fazer e desfazer de govêrnos, com o caír e alevantar de ministros. Se tal, porém, tivesse sido possível acontecer ao Estado Novo era certo e seguro que, como aliás se verificou até 1926, nenhum dos grandes problemas nacionais teria sido atacado. E, felizmente, sucedeu precisamente o contrário.

Uma das grandes luzes

De regresso ao seu país, Abel Bonnard, que é um dos intelectuais franceses de maior projecção, quiz retribuir a maneira afável como nós o recebemos na recente visita que nos fez e então, falando aos jornalistas, seus compatriotas, teve a propósito da nossa terra, palavras da maior justiça, do mais rasgado e penhorante elogio.

Assim, referindo-se-nos o notável escritor afirmou:

«Uma pequena nação não passava outròra da sua pequenez. Hoje, porém, um país não tem necessidade de ser vasto para pretender ser grande. Bem pequena é essa heroica Finlândia e a seus pés vem abortar a fôrça bruta dos sovietes. Pequenas nações são essa Bélgica apaixonada pela sua própria independência, a Suiça que se ergue na altivivez das suas virtudes cívicas e militares. Pequena nação é êsse Portugal velado pela lâmpada de Salazar, mas esta discreta, esta astuciosa, direi quási esta casta lâmpada é uma das grandes luzes que iluminam o Mundo».

Elogio admirável e magnífico, êle é, ao mesmo tempo, a consagração merecida de toda a nossa acção em prol da civilização ocidental, esta civilização que nós ajudamos a erguer e a consolidar e de que ainda somos no Mundo conturbado de nossos dias dos melhores e mais esforçados garantes.

Política do Espírito

Ainda se não extinguiram os últimos écos dessa magnífica página da Política do Espirito que foi a concessão dos prémios literários e já o S. P. N. vem com uma nova e interessante iniciativa, tal é o concurso das peças de teatro para o Teatro do Povo que, no próximo verão e como de costume, percorrerá todo o país levando teatro português até onde êle nunca chegou. Dêste modo o S. P. N. afirma a sua constante e permanente preocupação de fazer da Política do Espírito cada vez uma melhor e mais radiosa realidade.

GIL DO SUL

Agremiações locais

—x—

Damos a seguir o resultado de novas eleições efectuadas noutras colectividades da nossa terra:

Club Mário Duarte

ASSEMBLEIA GERAL

Efectivos

Presidente, tenente-coronel Carlos Gomes Teixeira; *1.º secretário*, alferes Gonçalo Maria Pereira; *2.º*, Alvaro Sucena.

Substitutos

Presidente. dr. Manuel das Neves; *1.º secretário*, João Mota; *2.º*, João Ferreira de Macêdo.

CONSELHO FISCAL

Efectivos

Presidente, dr. Joaquim Henriques; *vogais*, dr. Armando Simões e Pompeu da Costa Pereira.

Substitutos

Presidente, dr. António Peixinho; *vogais*, Alfredo Osório e capitão António Rodrigues Morais.

DIRECÇÃO

Efectivos

Presidente, dr. Francisco Ferreira Neves; *secretário*, tenente Gumerzindo da Silva; *tesoureiro*, António Osório; *vogais*, Antero Simões Pina e Laudelino de Miranda Melo.

Substitutos

Presidente, dr. Vitorino Cardoso; *secretário*, José Vaz Velho; *tesoureiro*, capitão Firmino da Silva; *vogais*, dr. Pedro Gonçalves e Vital Fialho.

A. H. dos Bombeiros Voluntários

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, dr. Alberto Souto; *vice-presidente*, Carlos Aleluia; *1.º secretário*, Albano H. Pereira; *2.º*, Jeremias dos Santos Moreira.

DIRECÇÃO

Presidente, Ricardo Mendes da Costa; *secretário*, Manuel J. da Costa Guimarães; *tesoureiro*, José Marques Sobreiro; *vogais*, João Soares e Gonçalo Pinto.

CONSELHO FISCAL

Tenente Jaime Sabino, Augusto Pinho Varela e Francisco Augusto Duarte.

Cartas a uma amiga de longe

Janeiro, 1940

Cara amiguinha:

Dizem os velhos de setenta anos, que antigamente não tinham tanto frio como a gente de agora. Na verdade, acho que êles têm um bocado de razão.

Há dias, por obrigação de civilidade e etiqueta, *fui fazer varias visitas. Em todas as casas onde entrei havia fogão de aquecimento e pais e filhos, êstes na flôr da idade, aninhavam-se à procura de calor e tiritavam só com a ideia de que lá fora estava frio a valer.*

Rapazes e raparigas de dezoito e vinte anos precisarem de calor alheio *para se aquecerem!...*

E' o cúmulo!

Quando chegarem aos quarenta, aos cinqüenta; quando naquêles corações jóvens já não brilhar essa fogueira de que falam os poetas e que era o único aquecimento da juventude de outros tempos — o que será desta mocidade do século XX, que quere ser desportiva e que... treme de frio!

Outro dia, em casa duma amiga, vi esta cêna, que de-veras me escandalizou. Os avós da rapariga, velhos de setenta e tantos anos, sem mêdo do frio, nem do nordeste gelado que soprava, passeavam no jardim. A neta, môça féra e robusta, desde manhã que estava ao fogão, numa sala cuja temperatura andava pelos vinte e três graus!

Ora não há direito que nós, a mocidade portuguesa (que veste, ou não, farda) precisemos duma braseira, dum fogão de lenha ou de carvão ou de aquecimento central. Êsse luxo *não fica bem às nossas idades. Felizmente temos boas perninhas, ótima saúde. Façamos uso dêstes dons admiráveis que, felizmente, possuimos e vamos... dar um passeio higiénico, fazer um bocado de exercicio, um bocado de gimnástica. Quando chegarmos a casa estaremos quentes, com um calor bem mais saúdável do que aquele que teriamos se estivéssemos* ao borralho. *Teremos corpo quente e alma frêsca...*

E depois, nós não temos razão para ter frio, num pais onde o termómetro quási não desce abaixo de zêro.

Não obstante êste previlégio, eu, talvez, não deva falar assim.

O Dr. Agostinho de Campos, numa crónica da Emissora intitulada O Frio *disse-nos que um habitante das regiões do Norte da Europa, de visita ao nosso pais, teve, para não morrer de frio, de dormir vestido. Certamente quando voltou para a sua terra, ia com a convicção de que nós, portugueses, é que viviamos quási junto ao Polo... Mas isto não é culpa do nosso clima, mas sim da falta de comodidades... Mas mesmo assim, se em vez dêste senhor nórdico, certamente já de cabêlos brancos, no declinar da vida, viesse um jóvem, êle não sentiria tanto frio. Teria a mocidade para o aquecer...*

Por isso—friorentos jóvens de Portugal!—ponham o frio para trás das costas e venham comigo até à Serra da Estrêla fazer sport. *Deixem ao borralho sómente os vossos pais. Esses, sim, já têm direito a essa comodidade.*

Adeus, amiguinha querida, que a esta hora derretes, *abrasada. Toma lá um abraço que te irá refrescar, da*

Zèmi

mas pelo cargo a que são inherentes certas responsabilidades culturais.

Não me serão, por certo, levados a mal e nem por mal poderiam ser feitas a quem tão generosamente me trata no erudito prefácio desta notável edição.

* * *

O que importa à cultura nacional e à história aveirense é a publicação integral do Códice membranáceo do Museu de Aveiro até aqui reservado, como cumpria, e de difícil leitura para quem não conhecesse diplomática e caligrafia arcaica.

Certamente que na narrativa há, com alguns lapsos, ingenuidades femeninas e muitos adereços conventuais e seráficos, a que se tem de dar o devido desconto; mas no seu conjunto o Códice, indubitàvelmente obra de pêna coeva, fornece elementos valiosíssimos para o estudo da época de quatrocentos em Portugal e muito em particular para a história do Convento de Jesus até ao século passado.

Afirmára eu já que o Códice 872, —assim concertamos chamar-se—serviu a Frei Luiz de Sousa no capítulo VIII e seguintes do livro IV da *História de S. Domingos*, onde, no seu opulento estilo, descreveu a *«Fundação do Mosteiro de freiras de Jesus de Aveiro»* e no livro V em que trata *«do nascimento e criação e principios da vida da Princêsa Santa Joanna»*, como servira de guia ao sr. Marques Gomes no seu excelente *«Esboço Biográfico»*, *de «D. Joanna de Portugal (A Princêsa Santa)»* publicado em 1879, escrito com muito saber, critério e probidade.

O sr. dr. António da Rocha Madail amplia a lista de autores que beberam nessa fonte ou lhe fizeram importante referência: Frei Nicolau Dias em 1585; Frei Jerónimo Corrêa; o espanhol Fr. Jerónimo Román em 1595; George Cardoso; Frei Luiz Cacegas; o jesuita Daniel Papebrochio em 1688; D. António Caetano de Sousa; a escritora francêsa J. T. Belloc; João Pedro Ribeiro na sua carta escrita a Corrêa da Serra, Marques Gomes e o autor destas linhas.

Esta erudita lista de referências e de obras sôbre a vida de Santa Joana e o Convento de Jesus de Aveiro é valiosíssima e demonstra as altas qualidades e a grande bagagem de investigador de que está de posse o sr. dr. Rocha Madail.

Mas o aparelho crítico do prefácio não tem apenas êsse melhoramento.

Debate a questão da entrada da Princêsa no Convento, rebatendo algumas infelizes hipóteses aventadas, e discute a autoria do Códice que Marques Gomes, por equivoco já por mim notado em 1928, atribuiu a D. Bernarda Pinheira.

Disse eu, então, no já referido artigo:

«Esse Códice, ignorado da maior parte dos nossos historiadores, foi escrito por D. Margarida Pinheira que professou no mosteiro de Jesus em 1867.

D. Margarida Pinheira e não D. Bernarda Pinheira, como por fácil equivoco disse o sr. Marques Gomes, era sobrinha do padre frei João de Guimarãis, prior de S. Domingos, que tão importante papel desempenhou junto de D. Brites Leitão, a quando da fundação do Convento de Jesus, como consta da pg. 116 do mesmo Códice e da última página do outro Códice quatrocentista com a regra de S.to Agostinho, existente também no Museu que dirijo».

O sr. dr. Rocha Madail pronuncia-se também por D. Margarida Pinheiro, e, analisando técnicamente o volume, conclue que êle foi escrito após a morte da Princêsa-Infanta, mas admite a possibilidade de haver outro Códice de que êste seria uma cópia ou um arranjo.

1490 é a data antes da qual o Códice original não podia ter sido composto, por haver referências à morte de Santa Joana; 1525 a data em que fôra escrito o exemplar que nos resta. O actual teria sido composto algum tempo depois do falecimento da Infanta e em vista da futura beatificação.

Esta análise do distinto escritor é superiormente criteriosa e bem conduzida, mas confesso que, a-pesar-da sua lógica, conservo algumas dúvidas, talvez porque me habituara a vêr no Códice 872 uma espécie quatrocentista. Mas a razão deve estar com o distinto comentador.

Por último o sr. dr. Madail explica e justifica o processo que adotou na transcrição do texto e considera a narrativa no seu aspecto literário.

O Códice aparece quando a Idade-média expira. Ser-lhe-ia particularmente grato relacionar a sua *forma*, com a dos últimos tempos medievais *«em que se reconhece o despontar da personal.dede procurando vencer, pela introdução do novo vocabulário, as fórmulas correntes que dominam, até aí, a expressão literária.»*

Não se detem nessa análise literária, declara que *«ficarão como exemplo de boa prosa da meia-idade os capitulos em que decorre o fragor da cólera do Principe D. João, secundado pelo violento Bispo de Evora D. Garcia de Menezes, pretendendo ambos, em pleno Convento de Aveiro, maltratando de palavras a Infanta, que ela deixasse lo asylo e se tyrasse de aquella operjam»*; a despedida que a Princêsa D. Beatriz Leitão dirige ao Mosteiro quando a forçam a acompanhar a Infanta fora da vila, etc..

Promete-nos o ilustre comentador desenvolver o seu trabalho em novas publicações complementares, dado o interêsse histórico dos depoimentos dispersos na narrativa e os curiosos aspectos do texto que o tornam de raro valor para o estudioso.

Ansiosamente ficamos aguardando o cumprimento da promessa, jubilosos por em tão boas mãos vermos um assunto pessoalmente predilecto e que contém em si a melhor parte de honrosíssimas e belíssimas páginas da história de Aveiro nas vésperas dramáticas, mas gloriosas, do século de quinhentos.

* * *

A empresa dos srs. drs. António da Rocha Madail e Francisco Ferreira Neves, não é apenas digna de registo e louvor.

Nunca será excessivo o louvor que se faça a êstes dois homens—disse o sr. dr. Alfredo Pimenta na *Cultura Portuguêsa, Cultura Estrangeira*, do *Diário de Noticias*, apreciando a publicação e o grande serviço por eles prestado à ciência portuguesa.

Eu direi sob o ponto de vista local: a edição é um acontecimento.

Não se furtou a Câmara Municipal de Aveiro a reconhecê-lo a propósito da entrada dos exemplares oferecidos à Biblioteca Municipal de Aveiro.

Daqui, sem despeito e, pelo contrário, com sincera veemência, proclamo eu, insistindo:—a edição do *Códice 872* é um verdadeiro acontecimento na bibliografia da nossa região.

Nas estantes das pessoas cultas e, mesmo, nas das pessoas simplesmente lidas, mas patriotas e amigas da sua terra e cônscias do valor da história e da tradição nacionais e regionais, êste livro não pode faltar.

Atenção para a 4.ª página

O Carnaval no "Club Mário Duarte,,

A actual Direcção dêste grémio local resolveu imprimir certa grandiosidade às festas carnavalescas dêste ano. Assim sabemos que àmanhã, pelas 15 horas, se realiza uma interessante *matinée* infantil, com trajes de fantasia, para os filhos dos sócios; no dia 1 de Fevereiro, baile dedicado aos sócios e famílias no salão nobre do Teatro, com todos os jogos e atractivos da época e no dia 3 grandiosa *soirée masquée*, nos salões do Club, ornamentados a capricho e feericamente iluminados, assim como a sua fachada, pelos electricistas da casa *Ferreira, Pereira & C.ª*, desta cidade.

E como novidade será eleita nesta última diversão, entre as senhoras presentes, a *Rainha do Club Mário Duarte* no corrente ano, sendo-lhe conferido artistico prémio. Haverá também, organizado pelo sr. Vaz Velho, um grupo de rapazes alegres que animarão a elegante festa, grupo êsse denominado *Os foliões do Club Mário Duarte*.

O Democrata, agradece o convite para as anunciadas diversões e estima que elas decorram com a maior animação, como tudo faz prevêr.

BAILE

—o—

Promovido pelos alunos da Escola Fernando Caldeira, realiza-se àmanhã uma atraente *soirée*, no Pavilhão Municipal, do recinto da Feira, que será abrilhantada pelo *Rádio Jazz*.

E' o primeiro baile carnavalesco do ano, cabendo-nos agradecer aos promotores a gentileza do convite.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Maria da Luz M. Rodrigues Gautier, esposa do sr. Manuel Gomes Gautier, industrial de panificação em Setúbal; àmanhã, o sr. Antero Simões Pina e as inocentes Maria José Barata F. de Lima e Maria Isabel Garcia Couceiro, filhas, respectivamente, dos srs. alferes José Barata Freire de Lima e Eugénio Couceiro, residente em Sá da Bandeira (Africa Ocidental); no dia 29, os srs. Manuel José da Costa Guimarãis e tenente Jaime Sabino, da Guarda N. Republicana; em 30, a sr.ª D. Emilia Augusta dos Reis Ferreira, esposa do sr. Jeremias Vicente Ferreira, e o sr. dr. José Pereira Tavares, ilustre vice-reitor do Liceu de José Estêvão; em 31, a sr.ª D. Arminda de Pinho Carvalho, esposa do sr. Carlos Branco de Carvalho; a simpática tricaninha Maria da Apresentação Taborda; o sr. Filipe Monteiro, 1.º sargento de Infantaria 10 e os meninos Luis Fernando e José Denis Freire, filhos, respectivamente, dos srs. Luis Manuel Rodrigues, residente em Lisboa, e António Nunes Freire, actualmente no Congo Belga, e em 2 de Fevereiro, a sr.ª D. Maria Otilia S. Rocha, de Eixo, e o sr. padre Diamantino Vieira de Carvalho, de Mira.

Partidas e Chegadas

Tem estado nesta cidade, de visita ao nosso presado amigo sr. José Moreira Freire, sua afilhada a sr.ª D. Violeta Vieira da Costa, que àmanhã deve regressar ao Porto, onde reside.

Catálogo teatral

—o—

Acabamos de receber o que a *Livraria Portuguesa*, de Ferreira & Franco, L.da — Rua da Horta Seca, 3-1.º Lisboa, editou para o corrente ano.

Mais completo do que os dos anos anteriores, regista inúmeras produções de que os amadores dramáticos, sempre ávidos de novidades teatrais, desejarão conhecer e representar.

A casa editora enviá-lo-á gratuitamente a quem lho pedir, indicando êste jornal.

Teatro Aveirense

CINEMA SONORO

Domingo, 28 de Janeiro de 1940 às 15,30 e 21 horas

A engraçada comédia

O PAR INVISÍVEL DIVERTE-SE

—o—

Brevemente:

VARANDA DOS ROUXINOIS

popular filme português

Necrologia

Com 77 anos deixou de existir na madrugada do último sábado a sr.ª D. Maria José Vieira Madail que, devido aos seus achaques, já não saía de casa.

Era viuva, natural da freguesia da Oliveirinha e o seu cadáver foi depositado na igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, de onde, no mesmo dia de tarde, saiu o funeral para o cemitério central, levando a chave da urna o sr. Severim Duarte. Nêle se incorporaram, além de outras pessoas, alguns amigos e colegas de seu filho Armando Madail Ferreira, sócio do Centro Comercial de Aveiro, L.ª e professor de dactilografia da Escola Fernando Caldeira, tendo-se organizado apenas dois turnos: um até o cemitério e outro já dentro daquele recinto.

A Armando Madail e a sua irmã, a sr.ª D. Armanda M. Ferreira, as nossas condolências.

* * *

Faleceram mais: no Hospital, António Simões Ramos, solteiro, de 57 anos, da Povoa do Paço; em *Aradas*, Tereza de Jesus Madalena, viuva de 74; no *Solposto*, José Maria da Costa Genriaho, casado, de 61; em *Verdemilho*, Manuel dos Santos Carvalho, solteiro, de 62, e na *Quinta do Gato*, João Marques Ribeiro, casado, de 68, vitimado por uma hemorragia cerebral.

Ver a 4.ª página

Câmara Municipal de Aveiro

Feira-Exposição de Março

Concurso

DOUTOR LOURENÇO SIMÕES PEIXINHO, *Presidente da Câmara Municipal de Aveiro:*

Faço saber que se acha aberto concurso, por espaço de trinta dias, a contar da data do presente edital. para a adjudicação da exploração do Pavilhão de Chá durante a Feira-Exposição de Março, de 25 de Março a 15 de Abril p. f., cujas bases se encontram patentes na Secretaria desta Câmara em todos os dias úteis, das 11 ás 17 horas, e onde serão prestados todos os esclarecimentos aos concorrentes.

E para constar mandei passar o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos e do costume.

E eu, Cipriano António Ferreira Neto, chefe da Secretaria, o subscrevo.

Aveiro e Secretaria da Câmara Municipal, 20 de Janeiro de 1940.

O Presidente da Câmara,

Lourenço Simões Peixinho

MERCANTIL AVEIRENSE, L.DA

RUA DO CAIS—AVEIRO

Casa fornecedora de materiais de construção Cimento Portland normal **SECIL**

ARTIGOS DA «COMPANHIA PREVIDENTE»:

Pregos
Parafusos
Anilhas
Rebites
Arame
Balmases
Bisnagas
Brochas
Cápsulas para garrafas
Carda
Chapa de chumbo
Cravo para tanoeiro
Ganchos para cabelo
Lâminas de barbear
Rêdes de arame
Rêde mosqueira
Tubos de chumbo

Artigos de Pesca:
Anzois
Lonas
Cordas
Piche
Breu
Carbonil
Vertedouros
Remos
Linhas de pesca
Canas de pesca
Amostras para peixe
Sedielas
Chapeus de oleado
Botas de água
Correntes de ferro

Artigos de Marceneiro
Artigos de Carpinteiro
Artigos de Serralheiro
Artigos Náuticos
Agulhas de marear
Mapas das costas portuguesas
Mapas dos bancos da Noruega e Groenlândia
Ampulhetas
Réguas de cálculo
Bitáculas
Agulhões
Waith lights (fogos para sinais no mar)

Artigos de incêndio:
Extintores, mangueiras

Artigos de Lavoura:
Prensas para lagares

Artigos diversos:
Carvão de forja
Carvão de chauffage
Ferro para cimento
Ferro em chapa
Fôlha de flandres
Chapa zincada
Tintas
Motores

Representantes de:
Companhia Geral de Cal e Cimento **SECIL**
Jayme da Costa, Lt.ª
Companhia Previdente
Companhia Geral de Combustíveis
Fábrica de Fundição ALBA
J. Garraio & C.ª, Sucessores

Óleo de fígados de bacalhau SANTA JOANA

EXCERTOS

A ingratidão

Pela gratidão se mede o nível moral duma alma. Um espírito sem gratidão é qual flôr descorada e sem perfume que ao ser observada nos deixa ver apenas a sua forma exterior, onde não há brilho, nem belesa, nem atractivo.

Uma alma ingrata deve ser forçosamente endurecida, duma sensibilidade quási embotada.

As flôres sorriem à passagem do sol, abrem-lhe as suas corolas, recebendo dêle os raios carinhosos que as vivificam, e que depois tranformam em côr e em perfume que não negam a quem quer que delas se avisinhe.

Tudo na Natureza, desde o arbusto à árvore gigante, desde o insecto ao elefante, nos oferece, de qualquer modo, um exemplo de gratidão.

E o homem com tantos e tão admiráveis exemplos que por tôda a parte o rodeiam, de tudo se esquece, para se tornar ingrato, quando não chega aos extremos de pagar o benefício com a ofensa e a confiança com a deslealdade.

Existe na alma do ingrato alguma coisa de semelhante ao lôdo que se oculta por entre o escuro das águas. Oferecem-nos a aparência de claras e serenas, mas se lhes tocarmos, mesmo sem querer, elas se revolvem imediatamente e ei-las perturbadas, trazendo ao cimo tôda a podridão que ocultamente guardavam.

Só nas águas límpidas, cujo fundo é tão claro como a superfície, isso não se verifica.

O mesmo se dá entre uma alma ingrata e outra que sabe ser grata.

A gratidão nunca se perturba e está sempre no seu pôsto, identificando-se com o dever.

Grandes almas são aquelas que sabem ser gratas, mas que o são por motivo de rectidão e desinterêsse.

Ser grato não significa dar o mesmo que recebemos, mas sim em demonstrar que o que nos fazem o sabemos receber com dignidade e lealdade, sem jàmais o desmentirmos com os nossos actos.

A falta de gratidão é uma traição. Ninguém tem o direito de ser ingrato, ainda que para isso se julgue com motivos. A tais motivos nunca deveríamos dar ouvidos, pois trazem sempre consigo uma coorte de sentimentos quais dêles mais traiçoeiro e enganoso.

Danton

Serviço farmacêutico

Encontra-se amanhã aberta a *Farmácia Moura*, Rua Manuel Firmino.

PEDRO DE ALMEIDA GONÇALVES
MÉDICO
DOENÇAS DA BOCA E DENTES
Clínica geral
Consultas todos os dias úteis das 9 às 12 e das 15 às 18 horas
Praça do Comércio
(Em frente aos Arcos)
— AVEIRO —

Correspondências

Esgueira, 24

Consorciou-se no último sábado com a simpática tricaninha Maria Luísa da Silva, o nosso amigo Manuel Nunes Morgado, industrial de panificação em Sacavém.

A cerimónia religiosa realisou-se na Sé Catedral dessa cidade, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Duarte Fernandes da Silva e o sr. João Lopes de Almeida; e pelo noivo a sr.ª D. Maria Rosa Lourenço Pitarma e seu marido o sr. Custódio Marques Pitarma, também industrial de panificação na mesma localidade.

Ao novo lar desejamos as maiores felicidades.

— Festeja no próximo domingo as suas *bodas de prata* o nosso amigo Filinto Nunes Feio, a quem felicitamos.

— As últimas chuvas transformaram os caminhos que dão acesso aos visinhos lugares da Fôrca, Presa e Quinta do Gato numa verdadeira lástima e bem assim o que comunica com esteiro local.

Pedem-se providências.

— A iluminação pública continua a apagar-se à meia noite, o que não está certo, visto estarmos a dois passos da cidade.

C.

O seu funeral foi bastante concorrido, tendo-se também incorporado a irmandade dêste logar e a música de Eixo, sob a regência do sr. João António Salgado, dessa cidade. Durante o percurso organizaram-se quatro turnos e sobre a urna foram despostos serte *bouquets* com sentidas dedicatórias. A chave era conduzida pelo irmão da extinta e as salvas pelos srs. António Marques da Graça e Anastácio Rodrigues Migueis.

— Também na quinta-feira terminou os seus dias o sr. Joaquim Dias Baía, pai do sr. Manuel Dias Baía.

Era viuvo, contava 71 anos e no seu entêrro incorporaram-se igualmente numerosas pessoas.

A's famílias enlutadas, apresentamos sentidos pêsames.

— Encontra-se doente a menina Alice de Oliveira Matos, filha do nosso amigo José Lopes de Matos, residente em Vila Franca de Xira.

Desejamos o seu restabelecimento.

— Esteve aqui, de visita, o sr. Eduardo Dias Baptista, industrial de panificação no Porto.

C.

Taboeira, 22

Após prolongado sofrimento finou-se a semana passada Rosa Marques Larangeira, solteira, de 39 anos, filha da sr.ª Joana Marques Oliveira e irmã do sr. José Maria Guiomar, industrial de panificação em Lisboa.

Costa do Valado, 25

Já há dias falámos no estado vergonhoso em que se encontra a Escola Primária desta localidade e não tendo sido tomadas quaisquer providências tendentes a dar-lhe o aspecto que merece, de novo solicitamos a atenção da Junta de Frèguesia para o caso, esperando pela sua intervenção.

De contrário voltaremos ao assunto tantas vezes quantas forem precisas.

C.

Câmara Municipal de Aveiro

—o—

Feira de Março

EDITAL

DOUTOR LOURENÇO SIMÕES PEIXINHO, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro:

Faço público que os preços de cada lanço de barraca na Feira de Março, que se realisa de 25 de Março a 15 de Abril p. f., incluindo empanada, estrado, aluguer de terreno, são:

Por cada lanço de barraca para venda de quinquilharias 80$00.

Por cada lanço de barraca para venda de qualquer artigo que não seja de quinquilharias 65$00.

Mais faço público que as requisições de barracas devem dar entrada na Secretaria desta Câmara até ao dia 15 de Fevereiro próximo.

E para constar mandei passar o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos e do costume.

E eu, Cipriano António Ferreira Neto, Chefe da Secretaria, o subscrevo.

Aveiro e Secretaria da Câmara Municipal, 20 de Janeiro de 1940.

O Presidente da Câmara,

Lourenço Simões Peixinho

T. S. F.

Reparações em tôdas as marcas de aparelhos

Esta casa encarrega-se de tôdas as espécies de enrolamentos para rádio como: resistências, ninhos de abelhas e transformadores

Rádio Electro Reparadora
de
Ercílio Coelho
Rua de José Estêvão, 8
AVEIRO

Ver a 4.ª página

Bilhar Vende-se barato. Nesta Redacção se informa.

Prédio

Vende-se na Avenida Bento de Moura onde está a Tanoaria, com frente também para a Rua Manuel Firmino e que foi do falecido Inácio Cunha.

Tratar com Francisco Augusto Duarte, na Avenida Central.

FÁBRICA DE VASSOURAS ESCOVAS E PIASSABA

Artigos referentes

Preços mínimos

Aven. Bento de Moura, 30
AVEIRO

Padaria

com mercearia anexa, trespassa-se em Ilhavo na Rua Mártires da Guerra Submarina, em frente ao Mercado. Tratar com Francisco Matos Dias na mesma, ou com Albano da Conceição nesta cidade.

Marinha de sal

Vende-se uma chamada *Marcela*.

Tratar no Largo Maia Magalhãis, 24 - Aveiro.

Curso de piano e História de música

Maria Cândida Robalo,

diplomada com o curso superior de piano pelo Conservatório do Porto e professora inscrita no mesmo Conservatório lecciona solfejo, piano, acústica e história da música na sua casa ou na dos alunos, habilitando-os para exame.

Rua do Sol, 18 — AVEIRO

Sub-Agentes de cimento

SECIL

Precisam-se em Mealhada, Luso, Oliveira do Bairro e Pampilhosa do Botão.

Dirigir correspondência à

MERCANTIL AVEIRENSE, L.DA

RUA DO CAIS — AVEIRO

Ginja autêntica

Especialidade da casa PÉREZ, L.DA

Depositária:

CASA DO CAFÉ

RUA DO GRAVITO, 67 (TELEF. 204) — AVEIRO

Trindade, Filhos, Limitada

Por escritura de 3 do corrente mês, lavrada nas notas do notário de Aveiro, Dr. Inocêncio Rangel, foi constituída uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada entre os sócios adiante declarados, a qual se há-de reger e gerir pelas condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta a firma *Trindade, Filhos, Limitada*, fica com a sua séde em Aveiro, na Avenida Central, e nos estabelecimentos que vão tomar de arrendamento a João José Trindade.

2.º

O seu objecto é a compra e venda de automóveis, motocicletas, bicicletas, aparelhos de telefonia sem fios e seus acessórios, exploração de *garage*, estação de serviço, oficina, petróleo e seus derivados e tudo o mais que a sociedade resolva explorar.

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado e para todos os efeitos o seu começo se contará desde o dia 1 do corrente mês.

4.º

O capital social é de 15.000$, devidido em cinco cotas, sendo uma de 4.200$, do sócio Humberto Moreira Trindade; outra de 3.600$, do sócio Orlando Moreira Trindrade, e três de 2.400$, pertencentes uma a cada um dos sócios Mário Moreira Trindade, Maria da Conceição Moreira Trindade e Eduarda Moreira Trindade, já integralmente realizadas a dinheiro.

5.º

Fica expressamente proïbida a cessão de cotas a estranhos e as cotas hoje dos sócios Maria da Conceição Moreira Trindade e Eduarda Moreira Trindade serão sempre administradas por elas directamente, embora venham a casar-se, nunca podendo fazer-se representar senão por algum dos outros sócios.

6.º

A sociedade será representada em juízo e fora dêle, activa e passivamente, pelos gerentes que ficam desde já nomeados e que são os sócios Humberto Moreira Trindade e Orlando Moreira Trindade, sem caução, e que da firma usarão só e únicamente em negócios e assuntos que digam respeito à sociedade.

Estes gerentes serão remunerados conforme a resolução da Assembleia Geral, e só os dois gerentes podem usar da firma social, cada um ou ambos, sendo, porém, os saques bancários, ou por créditos da firma, ou por necessidade da caixa, a curtos prazos, válidos com a assinatura de um único gerente, e os empréstimos, se aos sócios não convier fazer suprimentos de que a caixa necessitar, assinados pelos dois gerentes ou por todos os sócios, como a seguir se determina.

Os empréstimos a largo prazo terão de ser assinados pelos sócios e a sua responsabilidade pessoal será proporcional às suas cotas. Os suprimentos terão o juro do Banco de Portugal.

7.º

O ano social é o civil.

8.º

No prazo de noventa dias após o último do ano social, a gerência apresentará o balanço dos negócios sociais.

9.º

Os lucros serão repartidos na proporção das cotas, deduzidos que sejam, como mínimo, 5 por cento para fundo de reserva, 5 por cento para dívidas incobráveis e remuneração à gerência estipulada nos termos anteriores, e os prejuízos, se os houver, serão repartidos na proporção das cotas.

10.º

Esta sociedade não se dissolve nem pela vontade nem pelo falecimento ou interdição de algum dos sócios, e apenas nos casos marcados na lei.

11.º

Os sócios gerentes levantarão mensalmente cada um, a título de lucros futuros, o que a assembleia geral em acta determinar.

12.º

Em tudo o mais regularão as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e msis legislação aplicável.

Aveiro, 10 de Janeiro de 1940.

O Ajudante da Secretaria Notarial,

José Robalo Lisboa Júnior

Máquina "SINGER,,

Vende-se quási nova, ou troca-se. Nesta Redacção se informa.

A' lavoura

Havendo a máxima vantagem no emprego de sementes cuidadosamente escolhidas, nas sementeiras a efectuar, comunica-se aos orizicultores interessados na respectiva aquisição, que na séde da Brigada Técnica da IV Região (Rua do Carmo—Aveiro), ou nas suas delegações em Coimbra (Estrada da Beira 203) e em Leiria, poderão obter, oportunamente, semente de arroz de pureza e poder germinativo garantidos, ao prêço de 1$60 o quilograma acrescido do custo dos portes até Aveiro, Coimbra ou Leiria.

Para que êsses fornecimentos de sementes de arroz venham a ser possíveis, devem os interessados, desde já e até 15 de Fevereiro, fazer a respectiva inscrição na séde desta Brigada ou suas delegações, nêsse acto indicando as variedades e quantidades de sementes que desejam adquirir.

Oportunamente, os que até aquela data se inscreverem, serão prevenidos da época em que deverão receber o arroz que desejam e bem assim, dos termos em que deverá ser passado o vale de correio com que, em qualquer caso, sempre deverá ser paga, no acto da entrega, a semente que lhes vier a ser fornecida.

Independentemente do que fica exposto e se comunica, também nesta Brigada e suas delegações se informarão os interessados dos nomes e moradas de orizicultores que dispõem de sementes de arroz para venda, as quais, sem serem garantidas pelos serviços competentes do Ministério da Agricultura, são, porém, de emprego aconselhável.

Aveiro, 12 de Janeiro de 1940.

O engenheiro agronomo chefe da brigada

Antônio de Azevedo C. Lobo Alves

Comarca de Aveiro

—o—

Editos de 20 dias

Pelo Juizo de Direito da comarca de Aveiro, 1.a Vara, correm seus termos uns autos de acção de divórcio com o benefício da Assistência Judiciária em que são autores, Maria da Conceição Vieira da Rosa, doméstica, de Aveiro, e reu seu marido José Camacho da Silva, jornaleiro, residente em parte incerta na qual a autora alega o seguinte; Que casou com o reu segundo o regime de comunhão de bens, que não há filhos, que poucos dias depois do casamento o reu começou a maltratá-la e a espancá-la, abandonando-a completamente depois de meio ano de vida comum, e ausentando-se para parte incerta, não tendo notícias dele há mais de 10 anos. Termina por pedir que a acção seja julgada procedente e provada com custas, selos e procuradoria pelo reu. E nos mesmos autos, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando o dito reu José Camacho da Silva, jornaleiro, residente em parte incerta, para no praso de vinte dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, a mesma acção, sob pena de a mesma prosseguir nos seus ulteriores termos.

Aveiro, 6 de Janeiro de 1940.

Verifiquei

O Juiz de Direito da 1.ª Vara

Perestrelo Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção

Julio Homem de Carvalho Cristo

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.